



Classica - Revista Brasileira de Estudos
Clássicos

ISSN: 0103-4316

revistaclassica@classica.org.br

Sociedade Brasileira de Estudos
Clássicos
Brasil

Scatolin, Adriano

A postura polêmica de Cícero no Diálogo do orador: a crítica dos scriptores artium
Classica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos, vol. 22, núm. 2, 2009, pp. 198-215
Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos
Belo Horizonte, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=601770890004>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

A postura polêmica de Cícero no *Diálogo do orador*: a crítica dos *scriptores artium*

ADRIANO SCATOLIN
Universidade de São Paulo
Brasil

RESUMO. O artigo procura demonstrar a existência de determinados lugares-comuns da polêmica nos tratados retóricos da tradição latina. Para tal, toma como ponto de partida passagens polêmicas tomadas ao *Diálogo do orador*, de Cícero, confrontando-as com passagens análogas na *Retórica* de Aristóteles, na *Retórica a Herênio* e no *Da invenção*, do jovem Cícero. Conclui-se que os lugares-comuns dizem respeito a vocabulário, item de doutrina apresentado e seção da obra.

PALAVRAS-CHAVE. Retórica latina; polêmica; *Diálogo do orador*; Cícero.

Neste artigo¹, pretendo apresentar alguns dos primeiros resultados de minha pesquisa atual, a investigação do uso da polêmica como estratégia persuasiva nas obras retóricas latinas. Nesta primeira fase do projeto, tenho me dedicado à análise das passagens polêmicas no *Diálogo do orador*, de Cícero². Esta obra parece particularmente adequada para meu propósito, pois foi supostamente escrita como uma síntese das doutrinas retóricas aristotélica e isocrática, por oposição aos preceitos comuns dos manuais, conforme diz o próprio Cícero numa famosa carta a Lêntulo³:

Email: adrscatolin@gmail.com

¹ A primeira versão deste artigo foi apresentada, com auxílio da FAPESP, no “18º Congresso da Sociedade Internacional de História da Retórica”, realizado em julho de 2011 na cidade de Bolonha, Itália. As traduções das citações de Cícero são nossas; as da *Retórica a Herênio*, de Adriana Seabra e Ana Paula Celestino Faria ([CÍCERO], *Retórica a Herênio*. São Paulo, Hedra, 2005); as da *Retórica* de Aristóteles, de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena (ARISTÓTELES, *Retórica*, Lisboa, Imprensa Nacional–Casa da Moeda, 2005). Grifos e negritos nas citações de textos antigos, desnecessário dizer, são nossos.

² Adotamos *Diálogo do orador* como tradução de *De oratore* para mais facilmente diferenciá-lo de outra obra de Cícero, o *Orador* (*Orator*).

³ Cic. *Fam.* 1.9.23: *scripsi igitur Aristotelio more, quem ad modum quidem volui, tris libros in disputatione ac dialogo ‘de Oratore’, quos arbitror Lentulo tuo fore non inutilis. abhorrent enim a communibus praeceptis atque omnem antiquorum et Aristoteliam et Isocratiam rationem oratoriam complectuntur*, “Escrevi, então, à maneira aristotélica –

como consequência, muitas passagens da obra polemizam com a tradição dos manuais de retórica.

Além disso, as passagens polêmicas no *Diálogo do orador* são muitas e de natureza diversa: de fato, pode-se distinguir, de maneira geral, entre as passagens polêmicas explícitas e as implícitas. Por passagens explícitas, evidentemente, quero dizer aquelas em que as diferentes personagens comentam, resenham e/ou criticam abertamente os manuais de retórica. Por passagens implícitas, que não são sempre tão fáceis de rastrear, quero dizer aquelas que não fazem qualquer menção aos *scriptores artium*, cabendo então ao leitor contemporâneo de Cícero identificar a alusão e comparar passagens e contextos⁴.

Há, além disso, alguma diferença no tom da polêmica dependendo de quem a faz, seja o próprio Cícero, nos prólogos, ou Crasso e Antônio, para não mencionar as personagens menores, no diálogo propriamente dito⁵.

Por fim, no caso de algumas passagens polêmicas é possível verificar sua validade e veracidade (de nosso ponto de vista moderno e histórico, bem entendido), como quando uma ou mais obras retóricas anteriores apresentam o mesmo tópico em questão; no caso de outras, tal comparação não é possível.

Minha ideia, neste artigo, é analisar algumas das passagens polêmicas explícitas e verificáveis. Pretendo mostrar (1) que Cícero usa a polêmica como uma ferramenta retórica com fins persuasivos, não informativos, em mente; e (2) que há alguns lugares-comuns da polêmica que ele compartilha com seus predecessores, tópicos relativos ao vocabulário

pelo menos tal foi minha intenção –, três livros *Do orador* em forma de discussão dialógica. Creio que eles não serão inúteis a teu [filho] Lêntulo, pois afastam-se dos preceitos comuns e contemplam toda a doutrina oratória dos antigos, tanto a de Aristóteles como a de Isócrates”.

⁴ Podemos citar, como exemplo, a bipartição proposta por Antônio em seu tratamento da disposição, em 2.307: a personagem pensa em dois métodos, um fornecido pela natureza das causas (*natura causarum*), o outro, pelo discernimento e pela prudência dos oradores (*quae oratorum iudicio et prudentia comparatur*). Ora, a *Retórica* a Herênio, por sua vez, em 3.16, propõe uma oposição entre a disposição segundo os princípios da arte (*ab institutione artis profectum*) e o acaso do momento (*ad casum temporis adcommodatam*). O confronto entre uma e outra bipartição mostra que, apesar da semelhança, Antônio atribui à natureza a divisão tradicional das partes do discurso, enquanto o *Auctor* a atribui à arte. Não havendo menção direta dos autores de manuais na fala de Antônio em questão, cabe ao leitor atento, iniciado e conhecedor da doutrina (o principal público original da obra, a nosso ver) discernir a referência e o tema em polêmica.

⁵ Se Cícero afirma, no Prólogo 1.23, que não despreza o legado dos *Graeci doctores*, Crasso e Antônio fazem uso de vários termos em sentido pejorativo para se referir a eles, como *puerilis* e *ridiculus*, por exemplo. Cf. abaixo, p. 211-3.

empregado, aos itens de doutrina retórica escolhidos e às seções na obra em que as observações polêmicas aparecem.

Uma advertência eloquente: *Diálogo do orador* 1.23

Começo, então, com um exemplo geral: as palavras do próprio Cícero no fim do Prólogo 1, que dá o tom, de certa maneira, a toda a obra. Dirigindo-se a seu irmão Quinto, Cícero aponta a suposta diferença entre seu *Diálogo do orador* e as *artes* dos gregos:

[...] *repetamque non ab incunabilis nostrae veteris puerilisque doctrinae quendam ordinem praeceptorum, sed ea quae quondam accepi in nostrorum hominum eloquentissimorum et omni dignitate principum disputatione esse versata. non quo illa contemnunt quae Graeci dicendi artifices et doctores reliquerunt, sed cum illa pateant in promptuque sint omnibus neque ea interpretatione mea aut ornatius explicari aut planius exprimi possint, dabis hanc veniam, mi frater, ut opinor, ut eorum quibus summa dicendi laus a nostris hominibus concessa est auctoritatem Graecis antepōnam.* (1.23)

E retomarei, não determinada ordem dos preceitos tomada aos elementos de nossa antiga doutrina de meninos, mas aquilo que, como fiquei sabendo certa vez, foi examinado numa discussão de nossos conterrâneos mais eloquentes e proeminentes em toda dignidade; não que eu despreze o que os escritores e mestres de oratória gregos nos legaram, mas, como tais escritos são acessíveis e estão ao alcance de todos, e não podem, por meio de minha tradução, ser explicados com maior ornato ou expressos com maior clareza, acredito que me concederás a licença, meu irmão, de colocar acima dos gregos a autoridade daqueles a quem os latinos concederam a suma glória na oratória.

Embora esta não seja, estritamente falando, uma passagem polêmica (Cícero chega a afirmar que não despreza o que os mestres de retórica gregos legaram em seus livros), sua referência aos *Graeci doctores* numa parte tão crucial da obra a torna um bom exemplo dos dois pontos de vista que tentarei confrontar aqui: os objetivos persuasivos do próprio Cícero, como escritor, e nosso ponto de vista moderno, como estudiosos pesquisando, decodificando e escrevendo a história da retórica antiga.

Levando em conta os objetivos persuasivos de Cícero, poderíamos ler este parágrafo como um exemplo do *locus a re*, ou “tópico baseado no tema”, no exórdio, tal como preceituado, por exemplo, na *Retórica a Herênio* 1.7: *Attentos habebimus [sc. auditores] si pollicebimur nos de*

rebus magnis, nouis, inusitatis uerba facturos (“Teremos ouvintes atentos se prometermos falar de matéria importante, nova e extraordinária”). De fato, Cícero alega estar oferecendo algo grande e novo ao dizer que a *disputatio* entre grandes *auctoritates* do passado será colocada acima dos gregos.

Porém, de nosso ponto de vista moderno, será tal alegação precisa? Podemos dizer que sim, mas apenas relativamente. É verdade que o *Diálogo do orador* apresentará muitas características inovadoras em relação aos manuais de retórica seus contemporâneos, como se sabe: para citar apenas algumas, sua forma dialógica, as *disputationes in utramque partem*, as misturas de partes teóricas e práticas, tal como exemplificadas pelos casos tomados às carreiras de Crasso e Antônio, a tripartição *docere–conciliare–mouere*. Mas não se pode negar que, embora os temas sejam apresentados de uma maneira que faz a experiência das personagens, particularmente a de Antônio, a força motora por trás dos discursos, a maior parte dos temas, para não dizer todos eles, deriva de doutrina grega. Isso parece ser verdade até mesmo a respeito de uma das maiores inovações da obra, o *excursus de ridiculis*: embora os exemplos sejam (ou, em alguns casos, aparentemente ser) latinos, seu pano de fundo teórico é, muito provavelmente, de origem grega⁶.

Este primeiro exemplo, então, proveniente do começo da obra, constituindo as últimas palavras de Cícero antes que o diálogo propriamente dito comece, serve de aviso para que não se tome nada de maneira literal ou como fato histórico nas passagens polêmicas do *Diálogo do orador*⁷.

Uma incapacidade de separar precisamente o ponto de vista de Cícero, como escritor antigo, e o nosso, como estudiosos modernos, tem-se mostrado catastrófica em alguns casos, como procurei mostrar em outro trabalho: Cícero chegou a ser chamado de plagiador, vaidoso, egoísta e desonesto⁸.

⁶ Ver, a esse respeito, E. RABBIE, ‘Wit and Humor in Roman Rhetoric’, in W. DOMINIK & J. HALL (eds.), *A Companion to Roman Rhetoric*, Oxford, Blackwell Publishing, 2007, p.212-5.

⁷ Como bem aponta Carlos Lévy, refutando uma reconstrução histórica de Brittain a partir do *Diálogo do orador*: ‘... pas plus dans ce domaine qu'en aucun autre, le *De oratore* n'est pas œuvre que l'on peut lire comme un exposé objectif de quoi que ce soit ...’ (C. LÉVY, ‘L'enseignement rhétorique de Philon de Larissa’, in L. BRISSON & P. CHIRON (éd.), *Rhetorica Philosophans*, Paris, Vrin, 2010, p. 100.

⁸ A. SCATOLIN, ‘Estratégias polêmicas de persuasão nos *scriptores artium* do séc. I a.C.’, in P. MARTINS; H.F. CAIRUS; J.A. OLIVA NETO (org.), *Algumas Visões da Antiguidade*, Rio de Janeiro, 7 Letras & Fundação Biblioteca Nacional, 2011, p.211-20.

Exemplos do *Diálogo do orador*

Passo agora aos exemplos de polêmica no *Diálogo do orador* que podem ser verificados por contraposição a uma ou mais fontes antigas. No Livro 2, em sua resenha da doutrina retórica tal como apresentada nas *artes*, Antônio apresenta a ideia de que os fins atribuídos ao exórdio e à narração, nos manuais de retórica, não se devem restringir a tais partes, mas ser buscados ao longo de todo o discurso:

quae [...] praecepta principiorum et narrationum esse voluerunt [sc. Graeci], ea in totis orationibus sunt conservanda. nam ego mihi benivolum iudicem facilius facere possum, cum sum in cursu orationis, quam cum omnia sunt inaudita... (2.81-2)

Os preceitos que [sc. os gregos] pretendiam dos princípios e das narrações **devem ser obedecidos ao longo dos discursos inteiros**. De fato, consigo tornar o juiz benévolo com maior facilidade ao longo de minha fala do que quando todos os seus elementos são novos...

Uma observação análoga e complementar sobre o exórdio é feita por Antônio no tratamento da *dispositio*, um exemplo da conhecida estratégia persuasivo-didática de repetição com variação⁹:

[...] et attentum monent Graeci ut principio faciamus iudicem et docilem; quae sunt utilia, sed non principii magis propria quam reliquarum partium; faciliora etiam in principiis, quod et attentum tum maxime sunt, cum omnia expectant, et dociles magis initiis esse possunt. inlustriora enim sunt, quae in principiis quam quae in mediis causis dicuntur aut arguendo aut refellendo. (2.323)

Os gregos recomendam que façamos o juiz atento e dócil no exórdio; isso é útil, **mas não concerne mais propriamente ao exórdio do que às restantes partes**; é mais fácil, além disso, nos exórdios, porque estão mais atentos exatamente no momento em que ainda têm todas as expectativas, e podem ficar dóceis sobretudo no início. Com efeito, é mais claro o que se diz no começo do que no meio das causas, seja numa demonstração, seja numa refutação.

⁹ Ver, a respeito, as observações de May e Wisse na introdução de sua tradução do *Diálogo do orador* (cf. CICERO, *On the Ideal Orator*, translated with Introduction, Notes, Appendixes, Glossary and Indexes by James M. May & Jakob Wisse, New York–Oxford, Oxford University Press, 2001, p. 18-19).

Pela maneira como as observações são apresentadas na ficção do diálogo, Cícero nos induz a crer que é a experiência de Antônio como orador (e, por consequência, pode o leitor inferir, a de Cícero) o que o faz reconsiderar e criticar os preceitos dos manuais, cujas falhas são muitas vezes atribuídas à suposta inexperiência de seus autores no próprio assunto que tentam expor. Se essa ‘informação’ não pudesse ser verificada pelo confronto com fontes anteriores, os historiadores modernos da retórica usariam, talvez, essa passagem como ‘evidência’ das inovações de Cícero no campo da teoria retórica. No entanto, encontramos traços de ideias similares em pelo menos dois relatos anteriores: na *Retórica* de Aristóteles e na *Retórica a Herênio*.

A parte final do Livro 3 da *Retórica* de Aristóteles (3.13-19) é, como se sabe, o equivalente do tratamento da seção da *τάξις* / *dispositio* em manuais posteriores. Nela, encontramos material mais próximo da tradição dos manuais de retórica¹⁰. E, a meu ver, é essencial ter isso em mente quando lemos a seguinte passagem, tomada ao tratamento do προοιμίον:

τὸ προσεκτικούς ποιεῖν πάντων τῶν μερῶν κοινόν, ἐὰν δέη πανταχοῦ γὰρ ἀνιᾶσι μᾶλλον ἢ ἀρχόμενοι· διὸ γελοῖον ἐν ἀρχῇ τὰττειν, ὅτε μάλιστα πάντες προσέχοντες ἀκροῶνται. (3.14, 1415b9-12)

[...] suscitar a atenção do auditório é **comum, se houver necessidade, a todas as partes do discurso**, pois o auditório dispersa-se mais em qualquer outro lugar do que no início. Por isso, é ridículo exigí-la no princípio, justamente quando todos os ouvintes estão com a maior atenção.

¹⁰ Se em 1.2 (1356a2), por exemplo, a prova pelo caráter do orador não é atribuída a nenhuma parte específica do discurso, e se em 2.1 (1378a8) demanda-se, além disso, a benevolência da parte do orador para com o público, em 3.13 (1415a35), em contrapartida, a benevolência que o orador deve granjear é do público para consigo, e tal recomendação é atribuída explicitamente ao proêmio, tal como encontramos na tradição dos manuais de retórica. Cf. F. SOLMSEN, *The Aristotelian Tradition in Ancient Rhetoric*, *The American Journal of Philology* 62.1, 1941, p. 46: ‘I should hesitate to credit Aristotle with any of the notions or precepts of the second part of book Γ (chaps. 13-19), since there are good reasons for assuming that Aristotle in that section is reproducing a system of the alternative “Isocratean” type. I have suggested elsewhere that the τέχνη from which he borrows was that of his friend Theodectes. To be sure, Aristotle does not reproduce his source mechanically and there are passages in which he evidently expresses disagreement with the author from whom he derived most of his material. Nevertheless, chaps. 13-19 represent a system of the μόρια λόγου type and, so far from being characteristic of Aristotle’s own approach to rhetoric, may rather be regarded as the first stage in the process of fusion between the two rival traditions’.

Há uma semelhança evidente entre as considerações de Antônio e as de Aristóteles: ambos creem que os preceitos relacionados ao *exordium* / προοιμίον devem ser também aplicados ao longo do resto do discurso (comparar *sed non principii magis propria quam reliquarum partium* / πάντων τῶν μερῶν κοινόν). Há também algumas pequenas diferenças: dos três fins tradicionalmente atribuídos ao exórdio – tornar os ouvintes atentos, benévolos e dóceis –, Antônio tem o primeiro e o terceiro em mente (o segundo havia sido tratado na primeira passagem citada); Aristóteles, por outro lado, considera apenas o primeiro (comparar *attentum* [...] *faciamus iudicem et docilem* / τὸ προσεκτικούς ποιεῖν [sc. τοὺς ἀκούοντας]). Antônio é mais enfático, estabelecendo um princípio geral; Aristóteles não é tão categórico: ele acrescenta uma condição, ἐὰν δέη. Ambos afirmam que o ouvinte encontra-se mais atento no início do discurso (comparar *attenti tum maxime sunt* / ἐν ἀρχῇ [...], ὅτε μάλιστα πάντες προσέχοντες ἀκροῶνται), mas oferecem razões diferentes, ainda que complementares, para tal (comparar *omnia expectant* / πανταχοῦ γὰρ ἀνιάσι μᾶλλον ἢ ἀρχόμενοι). Leeman, em seu comentário, conjectura que uma influência aristotélica direta é possível, embora não possa ser provada¹¹. Isso é com certeza verdade, mas eu gostaria de propor uma possibilidade alternativa: *tanto* Aristóteles *quanto* Cícero-Antônio poderiam estar aqui se baseando numa crítica já encontrada na tradição das *artes*. Como evidência disso, poderíamos mencionar o já citado fato de que, no Livro 3, Aristóteles reflete abordagens tradicionais com mais frequência do que nos Livros 1 e 2; e também o fato extremamente importante de que, na *Retórica a Herênio*, o *Auctor* faz uma observação análoga às de Aristóteles e Antônio. Desta vez, porém, o princípio é explicitamente aplicado às três ‘utilidades’ do exórdio, para fazermos uso de sua própria nomenclatura:

Verum hae tres utilitates tametsi in tota oratione sunt conparandae, hoc est, ut auditores sese perpetuo nobis adtentos, dociles, beniuolos praebeant, tamen id per exordium causae maxime conparandum est. (1.11)

Essa tripla utilidade, isto é, que os ouvintes se mantenham **continuamente** atentos, dóceis e benevolentes conosco, **embora se deva buscá-la em todo o discurso**, é preparada sobretudo no exórdio.

¹¹ Cf. A.D. LEEMAN; H. PINKSTER; J. WISSE, *De oratore libri III–Kommentar*, Heidelberg, Carl Winter Universitätsverlag, 1996 (Band 4), p. 15-18 e p. 35, *ad* ‘*Graeci*’: ‘Der Grieche Aristoteles dagegen drückt sich noch stärker als Cic. aus (sc. in 1415b 9–12) [...]’. Seine Auffassung könnte Cic. beeinflusst haben [...].’

Esta passagem é crucial, porque mostra que exatamente a mesma ideia encontrada nos dois comentários de Antônio já se encontra num manual de retórica que muito provavelmente antecede a chegada dos ἑσπερίκῃ em Roma. Assim, é muito mais provável que tanto as observações de Cícero-Antônio como as do *Auctor* sejam baseadas em material *tradicional* já encontrado nos manuais de retórica gregos (tanto pré-aristotélicos como helenísticos) do que numa leitura direta da *Retórica* de Aristóteles¹².

Um segundo exemplo é fornecido pelos comentários de Antônio acerca da narração, no Livro 2:

iam vero narrationem quod iubent veri similem esse et apertam et brevem, recte nos admonent; quod haec narrationis magis putant esse propria quam totius orationis, valde mihi videntur errare. (2.83)

Já quanto ao fato de recomendarem que a narração seja verossímil, clara e breve, advertem-nos corretamente; quanto ao fato de julgarem que tais qualidades concernem mais particularmente à narração do que a todo o discurso, parecem-me estar bastante enganados.

A primeira parte deste comentário é inequívoca: ela diz respeito a preceitos tais como os encontrados em *Retórica a Herênio* 1.14 e *Da invenção* 1.28, do jovem Cícero. A única diferença é de detalhe e muito pequena: em lugar do termo *apertus*, encontramos *dilucidus* na *Retórica a Herênio*; em lugar de *veri similis*, encontramos *probabilis* no *Da invenção*; mas os conceitos envolvidos são exatamente os mesmos:

Tres res conuenit habere narrationem, ut brevis, ut dilucida, ut ueri similis sit. (1.14)

Três coisas convêm à narração: que seja breve, clara e verossímil.

oportet igitur eam [sc. narrationem] tres habere res: ut brevis, ut aperta, ut probabilis sit. (1.28)

Cumpra, assim, que ela [sc. a narração] apresente três coisas: que seja breve, clara e plausível.

¹² Há possibilidades alternativas, é claro: (1) os três autores poderiam ter chegado à mesma conclusão de maneira independente; (2) a passagem da *Retórica* de Aristóteles poderia ter influenciado tratamentos posteriores – mas isso é menos provável: caso contrário, seria de se esperar que encontrássemos, nos manuais, outros traços das críticas que Aristóteles faz, no Livro 3, sobre o tratamento tradicional das partes do discurso.

A segunda parte do comentário de Antônio, contudo, causa alguma dúvida: com efeito, o fato de ambos os manuais sugerirem que a narração seja breve, clara e plausível não quer dizer necessariamente que *as outras partes* não o devam ser. Significa apenas que isso é particularmente verdadeiro no caso da narração – uma questão de decoro ou adequação, como se pode observar tanto por *conuenit* como por *oportet*. E a verdade é que o próprio Antônio o reconhece em seu tratamento posterior da narração:

apertam enim narrationem tam esse oportet quam cetera; sed hoc magis in hoc elaborandum est, quod et difficilius est non esse obscurum in re narranda quam aut in principio aut in argumentando aut in [purgando aut] perorando et maiore periculo haec pars orationis obscura est quam cetera, vel quia, si quo alio in loco est dictum quid obscurius, tantum id perit, quod ita dictum est, narratio obscura totam occaecat orationem, vel quod alia possis, semel si obscurius dixeris, dicere alio loco planius, narrationis unus in causa locus. (2.329)

De fato, a narração deve ser tão clara quanto o restante do discurso; **mas devemos nos dedicar mais a esta parte**, porque não só é mais difícil não ser obscuro na narração do caso do que no exórdio, na argumentação, [na justificativa] ou na peroração, como também **a obscuridade nesta parte do discurso é mais perigosa do que no restante dele**, seja pelo fato de que, se falamos algo de maneira mais obscura em alguma outra passagem, perde-se apenas o que se falou dessa maneira, enquanto uma narração obscura cega todo o discurso, seja porque, se falarmos uma única vez de maneira mais obscura, poderemos falar outras coisas de maneira mais clara em outra passagem, enquanto há, na causa, um único lugar para a narração.

Este segundo comentário de Antônio é importante em diversos aspectos: primeiro, como sugiro, ele mostra que Cícero tinha perfeita consciência da adequação do preceito encontrado nos manuais; segundo, mostra também que não podemos tomar passagens polêmicas de maneira isolada quando o mesmo preceito tradicional é tratado em momentos diferentes do diálogo; terceiro, e o que é mais importante para meu argumento aqui, *há, sim*, uma grande diferença entre o comentário de Antônio e os preceitos dos manuais: o primeiro oferece a motivação por trás dele. O surpreendente é que, de nosso ponto de vista, *este* é o lugar em que esperaríamos que Antônio fosse polêmico – afinal de contas, aqui está uma diferença importante e *real* entre o enfoque de Cícero e o dos escritores de manuais. Porém,

como procurei demonstrar em outro trabalho¹³, honestidade intelectual é um critério moderno e científico adequado para estudiosos que se dirigem a seus pares, não para um escritor antigo que escreve de maneira *retórica* e *persuasiva*, não *científica*, para seu público leitor¹⁴. Quando Cícero faz Antônio resenhar as *artes* e dizer que este preceito está certo e aquele errado, como faz em nossa passagem (comparar *recte nos admonent – valde mihi videntur errare*), o que lhe interessa não é a verdade histórica do que Antônio diz, mas a *auctoritas* conferida a sua personagem, que nos é mostrada como sendo capaz de discernir o certo e o errado na tradição retórica, supostamente baseado em *sua própria experiência* (cf. *mihi videntur*).

Termino esta seção com um terceiro exemplo, mais simples que os anteriores. Ainda em seu tratamento da disposição, Antônio critica aqueles que colocam os argumentos mais fracos no começo de seus discursos:

atque etiam in illo reprehendo eos qui, quae minime firma sunt, ea prima collocant. (2.313)

E, ainda a esse respeito, repreendo aqueles que colocam em primeiro lugar os argumentos menos sólidos.

Uma vez mais, sem a evidência de manuais anteriores, poderíamos ser levados a crer que algo semelhante ao que Antônio critica fosse prescrito neles¹⁵. Mas a *Retórica a Herênio* prescreve exatamente o mesmo que Antônio:

In confirmatione et confutatione argumentationum dispositionem huiusmodi conuenit habere: firmissimas argumentationes in primis et in postremis causae partibus collocare; mediocres et neque inutiles ad dicendum neque necessarias ad probandum [...] interponi oportet. (3.18)

Na confirmação e refutação é conveniente dispor os argumentos assim: colocar os mais fortes no início e no final da causa; intercalar os

¹³ Cf. nota 8, acima.

¹⁴ Ver, a esse respeito, a introdução de Seabra e Faria a sua tradução da *Retórica a Herênio*, particularmente p. 24-9.

¹⁵ *Eos*, é bem verdade, poderia referir-se aqui a *oradores*, não necessariamente a *rétores*. Mesmo que tal seja o caso, o fato de Antônio criticar tais oradores poderia induzir o leitor a crer que sua ideia é uma novidade, embora seja lugar-comum nas *artes*. Por outro lado, *illos*, na oração seguinte, refere-se certamente aos litigantes: *in quo illos quoque errare arbitror qui [...] pluris adhibent patronos, ut in quoque eorum minimum putant esse, ita eum primum volunt dicere*.

de força mediana e aqueles que não são nem inúteis ao discurso, nem necessários à prova [...].

Não pretendo sugerir, com esses três exemplos, que todas as passagens polêmicas podem ser já encontradas, de uma forma ou de outra, nos manuais de retórica anteriores. Isso não quer dizer, porém, que as inovações da obra sejam apresentadas por meio da polêmica. As estratégias de Cícero para assinalar suas inovações parecem ser de natureza diferente.

Assinalando inovações no *Diálogo do orador*

Uma dessas estratégias é fazer uso das personagens secundárias, que representam, em vários aspectos, o público leitor do *Diálogo do orador*. É exatamente o que acontece no tratamento da invenção feito por Antônio: depois de sua explicação do uso dos tópicos universais de argumentação, ele diz que irá agora falar sobre as duas funções restantes (em suas próprias palavras, *ut faveat oratori is qui audiet*, a função ética, e *ut impetu quodam animi et perturbatione [...] regatur*, função patética). Cátulo o interrompe, observando que ele deveria estar agora tratando da disposição. Antônio então reforça sua tripartição inicial:

sed tamen mihi videris ante tempus a me rationem ordinis et disponendarum rerum requisisse. nam si ego omnem vim oratoris in argumentis et in re ipsa per se probanda possuissem, tempus esset iam de ordine argumentorum et de conlocatione rerum aliquid dicere; sed cum tria sint a me proposita, de uno dictum, cum de duobus reliquis dixerō, tum erit denique de disponenda tota oratione quaerendum. (2.180-1)

No entanto, você me parece solicitar o método da ordem e da disposição dos temas antes do tempo; é que se eu tivesse depositado todo o poder do orador nos argumentos e na comprovação do caso por si mesma, seria já o momento de fazer algumas considerações acerca da ordem dos argumentos e da colocação dos temas; porém, como propus três elementos e tratei de um, depois de tratar dos outros dois será o momento de se inquirir acerca da disposição de todo o discurso.

Não pode haver dúvida de que Antônio está aqui se referindo a uma das grandes inovações do *Diálogo do orador* em relação aos manuais de retórica: a retomada, com transformações e adaptações ao contexto romano, da tripartição aristotélica das provas técnicas ou artísticas (provas pela argumentação, pelo caráter do orador e pela disposição do ouvinte).

Como se sabe, o *Diálogo do orador* é a primeira obra supérstite, depois de Aristóteles, a apresentar tal divisão¹⁶, que parece não ter vingado na tradição retórica helenística, sobre a qual se assentara a primeira retórica latina, representada, para nós, pela *Retórica a Herênio* e o *Da invenção*. Sabedor da estranheza que tal inovação poderia causar em seus leitores, habituados a tal tradição helenística, Cícero faz Antônio reforçar sua tripartição.

A mesma estratégia parece estar em uso, de maneira invertida, no Livro 3, novamente por meio de Cátulo, quando este pede a Crasso, que tem tratado de questões filosóficas alheias à tradição dos manuais, que volte ao tratamento usual das virtudes do discurso. Crasso responde:

Tum Crassus 'pervolgatas res requiris' inquit 'et tibi non incognitas, Sulpici. quis enim de isto genere non docuit, non instituit, non scriptum etiam reliquit? sed geram morem et ea dumtaxat, quae mihi nota sunt, breviter exponam tibi; censebo tamen ad eos, qui auctores et inventores sunt harum sane minutarum rerum, revertendum'. (3.148)

Disse então Crasso: ‘Você está me pedindo coisas ordinárias, Sulpício, e que não desconhece: de fato, quem não ensinou, quem não educou, quem não deixou até um escrito a respeito desse tipo de coisa? Mas farei sua vontade e o exporei brevemente para você – o que for de meu conhecimento, pelo menos. Julgarei, contudo, que é preciso tornar àquelas que foram autores e escritores dessas coisas tão insignificantes’.

Note-se que temos aqui uma combinação das duas estratégias exemplificadas até o momento: Cátulo é usado por Cícero para assinalar sua inovação filosófica no tratamento da elocução feito por Crasso (*neque Aristotelem istum neque Carneadem nec philosophorum quemquam desidero*, “não sinto falta desse Aristóteles, de Carneádes ou de qualquer dos filósofos”, dissera ele de maneira desdenhosa); a resposta de Crasso, por outro lado, é polêmica: o tratamento usual dos manuais é uma *pervolgata, minuta res*. Temos aqui uma *praeteritio*, tal como Crasso fizera antes de seu tratamento das duas primeiras virtudes (*ut Latine, ut plane dicamus*), em 3.38:

atque eorum quidem, quae duo prima dixi, rationem non arbitror expectari a me puri dilucidique sermonis. [...] linquamus igitur haec, quae cognitionem habent facilem, usum necessarium. (3.38)

¹⁶ Cf. F. SOLMSEN, *The Aristotelian Tradition in Ancient Rhetoric*, The American Journal of Philology 62.2, 178-9, 1941.

E não creio que se espere de mim o método dos dois primeiros a que fiz menção, a fala pura e clara. [...] Deixemos de lado, então, esses elementos que apresentam um conhecimento fácil, um uso necessário.

Uma segunda estratégia para assinalar inovações no *Diálogo do orador* é o uso enfático e persuasivo da repetição, como pode ser visto, por exemplo, no comentário de Crasso acerca da necessidade do conhecimento do direito civil e da *urbanitas* no orador – duas grandes inovações do *Diálogo do orador* em relação às *artes*¹⁷ –, que retoma o Prólogo 1.17-8:

accedat eodem oportet lepos quidam facetiaeque et eruditio libero digna celeritasque et brevis et respondendi et lacessendi subtili venustate atque urbanitate coniuncta. tenenda praeterea est omnis antiquitas exemplorumque vis neque legum ac iuris civilis scientia neglegenda est. (1.17-8)

É necessário que se somem a isso algum encanto, gracejos e uma cultura digna de um homem livre, bem como rapidez e concisão tanto ao retrucar como ao atacar, acrescida de refinada graciosidade e urbanidade. De resto, deve-se dominar toda a história e o poder dos precedentes, e não se deve negligenciar o conhecimento das leis e do direito civil.

perdiscendum ius civile, cognoscendae leges, percipienda omnis antiquitas, senatoria consuetudo, disciplina rei publicae, iura sociorum, foedera, pactiones, causa imperi cognoscenda est; libandus est etiam ex omni genere urbanitatis facetiarum quidam lepos, quo tamquam sale perspergatur omnis oratio. (1.159)

É preciso aprender todo o direito civil, conhecer as leis, estudar toda a Antiguidade, conhecer a praxe senatorial, a disciplina do estado, os juramentos dos aliados, os tratados, os pactos, a causa do poder; deve-se ainda provar de certo encanto dos gracejos proveniente de todo tipo de urbanidade, com que se espalhe, como um condimento, por todo o discurso.

¹⁷ Cf. E. RABBIE, p. 208: ‘The inclusion of this subject [sc. humor] in a treatise on rhetoric – at least on this scale – is to be considered one of Cicero’s innovative contributions to the theory of oratory. (His emphasis on the necessity for the orator of a knowledge of civil law at 1.166–203 is another one; both innovations are “announced” together at 1.17–18 and 1.159)’.

Loci communes da polêmica?

Se a polêmica, então, é usada no *Diálogo do orador* sobretudo por razões persuasivas, não informativas, poderíamos dizer que Cícero faz uso de *loci* polêmicos, por assim dizer, em conformidade com o uso de outros autores? Minha sugestão é que sim, e isso pode ser visto na recorrência do *vocabulário* usado para qualificar seus predecessores, na recorrência de *itens de doutrina* considerados mais adequados para a polêmica e na escolha de certas seções para ela, particularmente o exórdio.

Considerem-se, por exemplo, os termos que o autor da *Retórica a Herênio* usa para qualificar seus predecessores gregos nos parágrafos introdutórios do Livro 4, uma famosa passagem polêmica em que emprega vários argumentos para defender a ideia de que todos os exemplos usados no tratamento da elocução devem ser tomados à mesma pessoa, o próprio *Auctor* – o que na verdade não acontece no livro, como se sabe:

Primum igitur, quod ab eis de modestia dicitur, uideamus, ne nimium pueriliter proferatur. (4.4)

Primeiro, então, vejamos se o que disseram a respeito da modéstia não se revela **extremamente pueril**.

Ita ut, si Ennii de tragoediis uelis sententias eligere aut de Pacuianis nuntios, sed quia plane rudis id facere nemo poterit, cum feceris, te litteratissimum putes, ineptus sis [...]. (4.7)

Será inepto quem, por conseguir escolher algumas sentenças nas tragédias de Ênio, ou nos mensageiros de Pacúvio, julgar-se um grande literato só porque alguém completamente tosco não poderia fazê-lo [...].

Dicimus igitur eos cum ideo, quod alienis utantur, peccare, tum magis etiam delinquere, quod a multis exempla sumant. (4.7)

Dizemos, pois, não apenas **que estão errados** porque usam exemplos de outros, mas **que cometem erro** principalmente porque os tomam de muitos¹⁸.

¹⁸ Introduzimos aqui uma pequena modificação na tradução de Seabra e Faria, que não apresenta o trecho “que cometem erro”.

Quod igitur iuuat eorum rationem, qui omnino non probent artem, id non ridiculum est ipsum artis scriptorem suo iudicio conprobare? (4.8)

Não é, pois, ridículo que o próprio escritor da arte comprove com seu juízo algo que corrobora o raciocínio daqueles que a reprovam completamente?

isti magistri, omnium dicendi praeceptores, non uidentur sibi ridicule facere, cum id, quod alii pollicentur, ab aliis quaerunt? Si qui se fontes maximos penitus absconditos aperuisse dicat, et haec sitiens cum maxime loquatur neque habeat, qui sitim sedet, non rideatur? Isti cum non modo dominos se fontium, sed se ipsos fontes esse dicant et omnium rigare debeant ingenia, non putant fore ridiculum, si, cum id polliceantur, arescant ipsi siccitate? (4.9)

Esses mestres, que a todos oferecem preceitos do discurso, **não se percebem ridículos** quando emprestam de uns o que prometem a outros? Se alguém proclama ter descoberto a fonte mais abundante e recôndita e diz isso sofrendo de sede atroz sem poder saciá-la, **não será alvo de risos?** Esses preceptores, ao dizerem que não são apenas detentores das fontes, mas as próprias fontes, e que têm o dever de irrigar o engenho de todos, **não acham que é risível** prometerem isso enquanto eles mesmos secam de sede?

Cícero usa *puerilis* em sentido pejorativo em pelo menos quatro passagens do *Diálogo do orador*¹⁹. *Iste* em sentido pejorativo, por outro lado, é usado muitas vezes para qualificar os escritores de manuais²⁰. Ele

¹⁹ *atque in hoc genere causarum non nulli praecipiant, ut verbum illud, quod causam facit, breviter uterque definiat. quod mihi quidem perquam puerile videri solet* (2.108); *deinde genere ipso doctrinam redolet exercitationemque paene puerilem* (2.109); *quare Coracem istum vestrum patiamur nos quidem pullos suos excludere in nidos, qui evolent clamatores odiosi ac molesti Pamphilumque nescio quem sinamus in infulis tantam rem tamquam puerilis delicias aliquas depingere* (3.81); *quibus utinam similibus de rebus disputari quam de puerilibus his verborum translationibus maluissetis!* (3.198).

²⁰ 1.55; 1.87 (duas vezes); 1.90; 1.113; 1.137; 1.145; 1.157; 1.226; 2.76; 2.77; 2.117; 2.132; 2.133; 2.139; 2.140; 3.54; 3.70; 3.81; 3.92; 3.125. Por brevidade, cito apenas uma ocorrência dupla do Livro 1: *caput enim esse arbitrabatur [sc. Charmadas] oratoris, ut et ipsis apud quos ageret talis qualem se ipse optaret videretur; id fieri vitae dignitate, de qua nihil rhetorici isti doctores in praeceptis suis reliquissent; et uti ei qui audirent sic adficerentur animis, ut eos adfici vellet orator; quod item fieri nullo modo posse, nisi cognosset is qui diceret quot modis hominum mentes et quibus et quo genere orationis in quamque partem moverentur; haec autem esse penitus in media philosophia retrusa atque abdita, quae isti rhetores ne primoribus quidem labris attigissent* (1.87).

usa duas vezes *perdidiculus* para qualificar a *doctrina* dos rétores (por meio de Antônio) e os próprios rétores (por meio de Crasso) e, engenhosamente, faz Estrabão usar *ridere* para zombar dos escritores gregos que trataram do tema do humor²¹. Por fim, Cícero usa *peccare* (uma vez), *errare* (duas vezes) e *reprehendere* (quatro vezes) para criticar os supostos erros dos rétores²².

Além do vocabulário comum, parece haver também certos *itens teóricos* particularmente adequados à polêmica. Meu primeiro exemplo, a crítica dos fins tradicionais atribuídos ao exórdio, é um desses casos, encontrados, como vimos, na *Retórica* de Aristóteles e no *Diálogo do orador* de Cícero; o número correto de partes do discurso é outro: tanto

²¹ *sed tamen est eorum [sc. Graecorum] doctrina, quantum ego iudicare possum, perdidicula* (2.78); *quare hoc, quod complector tantam scientiam vimque doctrinae, non modo non pro me, sed contra me est potius [...] atque hos omnes, qui artes rhetoricas scribunt, perdidiculos* (3.75); *sed qui eius rei rationem quandam conati sunt artemque tradere, sic insulsi exititerunt, ut nihil aliud eorum nisi ipsa insulsiitas rideatur* (2.217).

²² *iterum autem peccant, cum genus hoc causarum, quod in scripti interpretatione versatur, ab illis causis, in quibus qualis quaeque res sit disceptatur, seiungunt* (2.112); *hoc mihi facere omnes isti, qui de arte dicendi praecipiant, videntur; quod enim ipsi experti non sunt, id docent ceteros. sed hoc minus fortasse errant, quod non te, ut Hannibalem, sed pueros aut adulescentulos docere conantur* (2.76); *atque haec ego non reprehendo, sed ante oculos posita esse dico* (2.79); *ne haec quidem reprehendo; sunt enim concinne distributa; sed tamen id quod necesse fuit hominibus expertibus veritatis, non perite* (2.81); *iam vero narrationem quod iubent veri similem esse et apertam et brevem, recte nos admonent; quod haec narrationis magis putant esse propria quam totius orationis, valde mihi videntur errare* (2.83); *haec ego non eo consilio disputo, ut homines eruditos redarguam; quamquam reprehendendi sunt, qui in genere definiendo istas causas describunt in personis et in temporibus positas esse* (2.138); *atque etiam in illo reprehendo eos qui, quae minime firma sunt, ea prima conlocant* (2.313). Cícero já havia usado *errare* no *Da invenção* 1.74 e 2.47 para corrigir seus predecessores: *sed nobis ambiguitate nominis videntur errare. nam argumentatio nomine uno res duas significat, ideo quod et inventum aliquam in rem probabile aut necessarium argumentatio vocatur et eius inventi artificiosa expolitio* (1.74); *quare nobis et ii videntur errare, qui hoc genus suspicionum artificii non putant indigere, et ii, qui aliter hoc de genere ac de omni coniectura praeciipiundum putant* (2.47); e *peccare* (e *reprehendere*) em 1.12: *quod eius, ut nos putamus, non mediocre peccatum reprehendendum videtur, verum brevi, ne aut, si taciti praeterierimus, sine causa non secuti putemur aut, si diutius in hoc constiterimus, moram atque impedimentum reliquis praeceptis intulisse videamur; reprehendere* é usado em referência à suposta crítica de outros em 1.16; 1.60; 2.167: *post autem ab hoc inventam multi reprehenderunt, quos non tam imprudentia falli putamus (res enim perspicua est) quam invidia atque obtrectatione quadam inpediri* (1.16); *qui autem tripertitam putant esse, ii non aliter tractari putant oportere argumentationem, sed partitionem horum reprehendunt* (1.60); e *hic, quia de civilibus causis loquimur, fructus ad amicitiam adiungimus, ut eorum quoque causa petenda videatur, ne forte, qui nos de omni amicitia dicere existimant, reprehendere incipiant*.

Aristóteles (3.13, 1414a37) como Antônio (2.79) criticam seus predecessores, o primeiro apontando um número excessivo de partes, o segundo as várias divisões diferentes propostas pelos escritores de manuais²³; tanto o *Auctor* (2.16) como Antônio (2.111) polemizam com rétores anteriores sobre o uso da ambiguidade dialética, o primeiro contra, o segundo, a favor²⁴; o *Auctor* (1.18), Cícero no *Da invenção* (1.12) e Antônio (2.112-3) fazem observações críticas acerca de seus predecessores no que concerne ao número correto de *status* e/ou suas subdivisões.

Por fim, alguns lugares estratégicos parecem particularmente adequados à polêmica: tal é o caso do exórdio, como se pode ver em Aristóteles (1.1, 1354a 11-21; 1354b 16-20; 1355a 19-20); no *Auctor* (4.1-9) e no *Diálogo do orador* (1.23; 2.1-5; 2.10; 3.16).

A evidência das obras retóricas, dessa maneira, parece apontar na direção de uma espécie de padronização, pelo menos em certo grau, da polêmica, seja em vocabulário, tema ou seção. Minha sugestão é que a motivação persuasiva por trás disso pode ser vista na observação do autor da *Retórica a Herênio*, no prólogo polêmico do Livro 4, acerca do suposto uso, por parte de seus predecessores gregos, de sua autoridade na escolha de exemplos para a elocução:

Haec illi cum dicunt, magis nos auctoritate sua commouent quam ueritate disputationis. (4.4)

Quando dizem essas coisas, os gregos nos impressionam mais por sua autoridade do que pela verdade dos argumentos.

²³ *Rhet.* 3.13, 1414a37: *ἄν δὲ διαίροῦσι γέλως*; *De or.* 2.79: *atque haec ego non reprehendo, sed ante oculos posita esse dico, ut eas item quattuor, quinque, sexve partis vel etiam septem, quoniam aliter ab aliis digeruntur, in quas est ab his omnis oratio distributa.*

²⁴ *Rhet. ad Her.* 2.16: *Sunt qui arbitrentur ad hanc causam tractandam vehementer pertinere cognitionem amphibolarum eam, quae ab dialecticis proferatur. Nos vero arbitramur non modo nullo adiumento esse, sed potius maximo inpedimento. Omnes enim illi amphibolas aucupantur, eas etiam, quae ex altera parte sententiam nullam possunt interpretari. Itaque et alieni sermonis molesti interpellatores et scripti cum odiosi tum obscuri interpretes sunt; et dum caute et expedite loqui volunt, infantissimi reperiuntur. Ita dum metuunt in dicendo, ne quid ambiguum dicant, nomen suum pronuntiare non possunt. Verum horum pueriles opiniones rectissimis rationibus, cum voles, refellemus; De or. 2.111: ambiguum autem [...] plura genera sunt, quae mihi videntur ii melius nosse qui dialectici appellantur, hi autem nostri ignorare, qui non minus nosse debeant [...].*

Como o próprio *Auctor* fez a mesma coisa que critica em seus predecessores, e como ele evidentemente tinha consciência desse fato, minha sugestão é que podemos tomar este comentário como uma espécie de metacomentário que revela o efeito pretendido no uso da polêmica: impressionar os leitores mais pela autoridade do que pela verdade da discussão.

TITLE. *Cicero's polemical stance in De oratore: the criticism of the scriptores artium*

ABSTRACT. This paper seeks to demonstrate the existence of certain *loci communes* concerning polemics in the Latin tradition of rhetorical treatises. In order to so, it takes a starting point polemical passages taken from Cicero's *De oratore*, which are then confronted to analogous passages in Aristotle's *Rhetoric*, in the *Rhetoric to Herennius*, and the young Cicero's *On invention*. It is concluded that such *loci communes* concern vocabulary, rhetorical doctrine items and section of the work.

KEYWORDS. Latin rhetoric; polemics; *De oratore*; Cicero.